

EUREKA!

Roberto Rodrigues*

Lembro-me muito bem da batalha que foi fazer a Lei de Biossegurança, sancionada em 2005 depois de mais de 2 anos de discussão às vezes bastante radicalizada.

Em janeiro de 2003, havia a previsão de colheita de soja transgênica equivalente a 12 % da safra daquele ano, que acabou sendo de 52 milhões de toneladas. Não dava para ignorar tamanha produção (6 milhões de toneladas), embora o plantio da então chamada "soja maradona" fosse irregular, e as sementes tivessem sido trazidas da Argentina por meios nada convencionais. O grosso da área plantada com essa variedade transgênica desenvolvida pela Monsanto estava no Rio Grande do Sul.

Propus então a emissão de uma Medida Provisória que permitisse a comercialização daquela safra, até que tivéssemos uma legislação moderna que regulasse o cultivo de variedades transgênicas da soja e outras lavouras. Foi muito complicado, porque era preciso o apoio do MMA e do MDA, mas afinal saiu a MP a tempo de comercializar toda a produção "proibida".

O resultado foi muito bom para os agricultores: houve redução de custo de produção e melhor produtividade em função das roças estarem limpas, sem concorrência de ervas daninhas. Começou então uma discussão para fazer uma Lei de Biossegurança. Mas o tempo foi passando, chegou a época de plantio em 2003 e a área plantada com soja modificada quase dobrou. E continuava proibida, foi preciso renovar a MP para a nova safra em 2004, e desta vez já com a franca oposição do governador do Paraná, que proibiu a saída de transgênicos por Paranaguá.

Finalmente saiu a Lei em 2005, mudando o cenário e legalizando a transgenia, graças ao trabalho articulado entre a Frente Parlamentar da Agropecuária da Câmara dos Deputados, técnicos do MAPA e do Ministério da Ciência e Tecnologia, da Embrapa e de cientistas de várias instituições que concordaram em vir a Brasília para mostrar ao Executivo e ao Legislativo as vantagens competitivas que isso traria ao agro brasileiro. Com a legalização do uso de OGM, a área plantada explodiu: a safra de soja colhida este ano tinha 95% de transgênicos, a de milho outros 93,8% e a de algodão 80%.

E até hoje ainda existem setores que consideram que só os agricultores ganharam com isso.

Mas um recente estudo de 3 professores especializados em finanças concluiu que os efeitos econômicos do plantio foram positivos também para os centros urbanos: Jacopo Ponticelli, professor de finanças da Kellogg School, Bruno Caprettini, da Universidade de Zurique e Paula Bastos, do Centro de Estudos Monetários e Financeiros da Espanha, analisaram o impacto da soja OGM na economia brasileira.

Os pesquisadores chegaram a duas conclusões:

1- a nova soja precisava de menos mão de obra para controlar o mato, e assim liberava trabalhadores rurais para outros empregos, o que foi fundamental para o setor industrial se desenvolver no Brasil.

2- os agricultores ganharam dinheiro e, capitalizados, depositaram seus ganhos em bancos, que ofereceram mais crédito, e mais barato, para indústrias e serviços: e as cidades cresceram!

São palavras de Ponticelli:" O aumento da produtividade agrícola repercute por toda a economia, fortalecendo o setor manufatureiro e direcionando capital para os centros urbanos onde novos setores tendem a se desenvolver".

Eureka: os trabalhadores que saíram do campo para a cidade faturaram mais, compraram mais bens e exigiram maior produção industrial e melhores serviços. E todo mundo ganhou! A gente já sabia disso, mas agora há um robusto trabalho acadêmico confirmando nossa impressão empírica.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**